

# MIGRAÇÕES E CONTATOS LINGUÍSTICOS NA PERSPECTIVA DA GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL E CONTATUAL<sup>1</sup>

Cléo Wilson Altenhofen<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo aborda o papel das <migrações> e dos <contatos linguísticos> no estudo da variação linguística. Essas variáveis caracterizam de modo especial a área plurilíngue da Bacia do Prata, onde o autor concentra suas pesquisas. A partir do escopo teórico da geolinguística pluridimensional e contatual, e de pesquisas realizadas em projetos como o ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*), pretende-se fornecer uma base introdutória para orientar a macroanálise dessas variáveis em estudos da variação, difusão e reconfiguração de variedades linguísticas (minoritárias) no espaço pluridimensional. O artigo conclui sobre a relevância em ampliar a visão sobre multilinguismo e plurilinguismo e incluir as migrações e os contatos linguísticos na análise da variação, utilizando as ferramentas da macroanálise pluridimensional.

**Palavras-chave:** migrações, contatos linguísticos, multilinguismo, geolinguística pluridimensional.

## 1. Escopo teórico: geolinguística pluridimensional e contatual

O presente artigo orienta-se pelo escopo teórico da geolinguística pluridimensional e contatual, a partir de H. Thun (1998; 2009) e Radtke & Thun (1996). Seu objetivo básico é combinar, no mesmo escopo de análise, “espacialidade” e “socialidade” (cf. BELLMANN, 1996 – *Arealität und Sozialität*), promovendo – pode-se, metaforicamente, dizer – um casamento entre sociolinguística e dialetologia e contribuindo, deste modo, para uma “ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro” (THUN 1998, p. 704). A proposta inicial lançada por G. Bellmann pela primeira vez com a

---

<sup>1</sup> Este artigo avança na análise das relações entre a “língua e ocupação do espaço”, iniciada em ALTENHOFEN (2013b) – *O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata* – aprofundando a questão das migrações.

<sup>2</sup> Doutor em Germanística, pela Johannes Gutenberg-Universität Mainz, Alemanha, e Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil. E-mail: cvalten@ufrgs.br

designação de *dialetologia bidimensional* (BELLMANN, 1986),<sup>3</sup> é assim ampliada para uma *dialetologia pluridimensional e relacional*, como a denomina Thun (1998). Designações como *geossociolinguística* (RAZKY, 2003), ou *sociodialetologia* (GUY, 2012), tentam, igualmente, combinar os planos geo- e sociolinguístico, ora buscando dialetologizar a sociolinguística, ora socializar a dialetologia (THUN, 1998, p. 703).

O princípio da pluridimensionalidade, que fundamenta o modelo, engloba um conjunto de dimensões que, em nosso projeto atual do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA) pode ser resumido no quadro a seguir, onde cada *dimensão* pressupõe uma relação opositiva, na maioria dos casos binária, entre *parâmetros* definitórios, como geração dos velhos (GII) e dos jovens (GI).

<b>Dimensão</b>	<b>Parâmetro</b>	<b>Critério</b>
<b>diatópica</b>	<b>topostático</b> (informantes em um domicílio fixo)	41 pontos de inquérito
<b>diatópica-cinética</b>	<b>topodinâmico</b> (mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Em grande parte, relação entre colônias velhas (matriz de partida) e colônias novas (matriz de chegada)
<b>diastrática</b>	<b>Ca</b> = classe (socioculturalmente) alta <b>Cb</b> = classe (socioculturalmente) baixa	Ca (com formação universitária parcial ou completa) Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
<b>diageracional</b>	<b>GII</b> (geração velha) <b>GI</b> (geração jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
<b>diagenérica</b>	<b>Ho</b> = homens <b>Mu</b> = mulheres	
<b>dialingual</b>	<b>hrs</b> = hunsriqueano (Hunsrückisch) <b>hdt</b> = alemão-padrão (Hochdeutsch) <b>pt</b> = português <b>sp</b> = espanhol	Esta dimensão é complementada com dados dos atlas linguísticos do português (ALERS e ALiB), para o português
<b>Diafásica</b>	<b>Resp</b> = respostas ao questionário <b>Leit</b> = leitura <b>Tx</b> = conversa livre (etnotextos)	Três estilos de uso da língua.
<b>diarreferencial</b>	<b>Lg</b> = fala “objetiva” <b>MLg</b> = fala metalinguística	Esta dimensão é estimulada pela <i>técnica de entrevista em três tempos</i> : perguntar (resposta espontânea) – insistir – sugerir

<sup>3</sup> O MRhSA (*Mittelrheinischer Sprachatlas / Atlas Linguístico da Renânia Central*), de Bellmann, Herrgen & Schmidt (1994-2002), cf. Bellmann (1994), aparece, até onde sei, como primeiro atlas linguístico bidimensional publicado, na medida em que levanta e cartografa duas séries de dados, de velhos e jovens, e considera informantes fixos e com migração diária (*Pendelarbeiter* ‘trabalhadores-pêndulo’, que vivem em uma localidade e trabalham em outra).

<b>diarreligiosa</b>	<b>Cat</b> = católico <b>Lut</b> = evangélico-luterano	Tipo de localidade conforme as confissões religiosas presentes
<b>diamésica</b>	<b>Escre</b> = língua em meio escrito vs. <b>Fal</b> = meio falado	coleta de dados em áudio e vídeo (oralidade) e em meio escrito (p.ex. impressos, cartas de imigrantes, inscrições [p.ex. em estabelecimentos comerciais, placas, topônimos, sepulturas])

Quadro 1 – Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H

Vale ressaltar que ambos os planos, da *socialidade* e da *espacialidade*, aos quais se agrega ainda o plano da *temporalidade* (dimensão diacrônica - ver a esse respeito THUN, 2009), não se excluem mutuamente, pela razão simples de que não existe espaço sem sociedade, como também não existe sociedade sem espaço. O que deve ser ressaltado, portanto, é que o termo *geolinguística* implica tanto a noção de sociedade, quanto o termo *sociolinguístico* pressupõe determinado recorte do espaço geográfico.

## 2. Complexidade da área em estudo: línguas e variedades, no plural

O contexto linguístico com o qual vimos nos ocupando em projetos como o ALERS,<sup>4</sup> ADDU,<sup>5</sup> ALGR,<sup>6</sup> ALMA-H<sup>7</sup> e, em parte, também ALiB<sup>8</sup> insere-se na área que convencionamos delimitar como “Bacia do (Rio da) Prata”, a qual abrange, em nosso programa de pesquisa, o sul e centro-oeste do Brasil (especialmente RS, SC, PR, MS e MT), Uruguai, Misiones (Argentina) e Paraguai. Este contexto é especialmente propício para o estudo da variação e do multilinguismo, pois desafia o modelo teórico utilizado com uma gama enorme de todo tipo de variável e situação linguística possível de ocorrer. Longe da comunidade ideal, homogênea, monolíngue e sem variação, o que se tem como situação *normal* nessa área é uma complexidade marcada pelas seguintes variáveis, às quais já chamam atenção Radtke & Thun (1996):

1º) a coexistência, na sociedade, de uma grande <diversidade de línguas> de toda ordem, a qual chamamos de multilinguismo (ALTENHOFEN & BROCH, 2011) e

<sup>4</sup> Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (v. ALERS, 2011a, 2011b).

<sup>5</sup> Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (v. ADDU, 2000a, 2000b).

<sup>6</sup> Atlas Linguístico Guaraní-Románico (v. ALGR, 2002, 2009).

<sup>7</sup> Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (v. mapa em anexo).

<sup>8</sup> Atlas Linguístico do Brasil.

que inclui um leque de categorias essenciais de línguas, assim identificadas pela política linguística brasileira nos últimos anos (ALTENHOFEN, 2013a, p. 111):

- a) línguas indígenas;
- b) variedades regionais da língua portuguesa;
- c) línguas de imigração;
- d) línguas de comunidades afro-brasileiras;
- e) línguas de sinais;
- f) línguas crioulas.

Ou seja: dificilmente, encontramos uma sociedade puramente monolíngue. Mesmo nas sociedades urbanas, a globalização, a ampliação dos espaços midiáticos e a internacionalização pressupõem “variação e diversidade linguística”. Tal é reforçado por um segundo fator. Ou seja:

2º) <migrações> fazem parte da rotina das populações e sociedades, sobretudo da época contemporânea, em que, segundo Thun (1996), predomina a topodinâmica das populações, isto é, a mobilidade de um lugar (*topos*) para outro, no espaço. Exemplos de comunidades topostáticas, em que a população nasce, vive e morre na mesma localidade, constituem uma raridade e são antes uma exceção. Apesar disso, <áreas antigas, laterais, tradicionais, isoladas, arcaicas> continuam a seduzir a pesquisa como se fossem um elo perdido com o passado e uma possibilidade de reconstruir um estado de língua que infelizmente se perdeu na história, como no caso das línguas africanas, das quais restaram apenas alguns vestígios, p.ex. em comunidades quilombolas (cf. FERREIRA, 1994). Outros exemplos poderiam ser remanescentes de línguas de imigração preservadas em uma ilha linguística, protegida em algum vale profundo. Mas, mesmo essas ilhas protegidas não são o caso “normal” das línguas de imigração no Brasil; a maioria encontra-se exposta a uma diversidade de contatos e abrange grandes áreas, como no caso do hunsriqueano rio-grandense e do talian (de base vêneta rio-grandense). E mesmo comunidades indígenas configuram uma série de situações, desde a comunidade “original” delimitada em “terras próprias (delimitadas)”, passando por comunidades de “terras transplantadas”, isto é, transplantadas para outro *topos*, devido p.ex. à construção de represas e hidrelétricas, até comunidades de “terras expostas” ao

contato estreito com os brancos”, como em Dourados – MS, ou mesmo comunidades indígenas de “terras móveis” ou “desterradas”, como as que circulam em áreas urbanas. Para ilustrar essa situação, vivem no Rio Grande do Sul, segundo o Censo do IBGE 2010, 32.989 indígenas, sendo que 13.820 em centros urbanos e 19.169 em terras indígenas. O índice bastante elevado da população indígena urbana chama a atenção. No País, do total de 896,9 mil indígenas registrados pelo Censo, 36,2% moram em áreas urbanas e 63,8% na área rural. São questões que a “linguística das línguas na sociedade, ou socialmente engajada tem de incluir em sua agenda de trabalho. A identificação do multilinguismo e de sua mobilidade no espaço são uma parte. Há mais.

Como consequência das migrações das línguas, variedades e variantes e dos seus falantes, homens e mulheres de diferentes classes sociais, origens étnicas e idades, cabe acrescentar duas variáveis das quais uma “ciência ampla da variação”, como afirma Thun (1998, p. 704s.), não pode prescindir, porque simplesmente constituem uma característica de qualquer contexto variável. Falo

3º) dos <contatos linguísticos> e

4º) do <plurilinguismo>, em sentido amplo, como a “habilidade [de um indivíduo] de se constituir plural, linguística e culturalmente”, através da influência e do contato com a diversidade linguística/multilinguismo presente na sociedade.<sup>9</sup> Enquanto o número de línguas brasileiras chega a cerca de 330 línguas, sendo 274 línguas indígenas (cf. Censo do IBGE 2010) e cerca de 56 línguas de imigração (cf. ALTENHOFEN, 2013a, p. 106), o número de falantes dessas línguas não ultrapassa 1% da população brasileira. Essa relação desproporcional pode ser representada pela figura de um funil demográfico-linguístico, como mostro a seguir.

---

<sup>9</sup> Sobre esta distinção entre *diversidade linguística/multilinguismo* (na sociedade) e *pluralidade linguística/plurilinguismo* (no indivíduo), ver Altenhofen & Broch (2012), Altenhofen (2013a).



Fig. 1 – Relação entre diversidade/multilinguismo e pluralidade/plurilinguismo

Estatisticamente, portanto, a diversidade e pluralidade linguística não parecem desempenhar um papel relevante. Mas se observarmos sua abrangência geográfica e social, teremos de novo que dificilmente algum contexto está isento de diversidade e pluralidade. Tal ponto de vista se evidencia ainda mais quando estendemos a noção de *língua* para a de *variedade*, seguindo a orientação de Coseriu (1982, p. 16) de que ninguém fala *o* português, *o* alemão; „lo que se habla es siempre alguna forma determinada del [português], del [alemán].

A partir deste ponto de vista, também os conceitos de “plurilinguismo” e de “contatos linguísticos” se ampliam. Isto é, a unidade de análise dos contextos com os quais nos confrontamos em nossas pesquisas na Bacia do Prata não pode mais restringir-se à *língua*, como conceito abstrato e geral, mas sim abarcar a *variedade* como realização concreta da língua, em determinada situação. Isso significa que o que efetivamente entra em contato são variedades de uma língua (v. THUN, 2010b). E, sendo a maioria dos falantes aptos a optar entre as variedades de uma língua, pode-se admitir não apenas contatos entre variedades de uma língua (*contatos intervaretais*, como no caso de gaúchos e nortistas), como também indivíduos “plurilíngues na própria língua” (WANDRUSKA, 1980 – “*muttersprachliche Mehrsprachigkeit*” [plurilinguismo na língua materna]), ou melhor, *plurivaretais*, que dominam mais de uma variedade (estilística, p.ex. variedade falada e escrita, variedade *standard* e *substandard*, etc.), além de indivíduos “plurilíngues entre línguas distintas” (p.ex. português e alemão). Neste sentido, podemos perguntar o que distingue um falante de português e espanhol como bilíngue e o que, em contrapartida, distingue este de um falante de hunsriqueano

rio-grandense (hrs.) e alemão *standard*, ou de gauchês (linguagem do CTG) e português formal escrito, como bivarietal (ou bidialetal). A resposta é que não há, entre esses bilíngues em línguas e bilíngues em variedades/dialetos uma diferença de ordem sistêmica, que justifique admitir uns como bilíngues, e outros não. Muito mais determinante é o *status* sócio-histórico das línguas e respectivas variedades como “subsistemas historicamente vinculados a uma determinada língua” (COSERIU, 1982, p. 11, 16). Ambos os grupos, no meu entender, são bilíngues, apenas que as variedades de língua que falam possuem status social e histórico-político distinto. Ou seja, é preciso ampliar a definição de bilinguismo ao de plurilinguismo como a “habilidade de uso ativo ou compreensão passiva de mais de uma variedade de língua”, em que não está em jogo a proficiência em ambas as línguas, mas a postura de ser e agir plural.

A admissão do plurilinguismo como norma, e não exceção, é fundamental não apenas para a educação (ver ALTENHOFEN & BROCH, 2011), mas também para a linguística, e todas as tarefas de pesquisa que tem ainda em aberto. Compartilho, aqui, a posição de Romaine (1995, p. 1):

“It is certainly be odd to encounter a book with the title *Monolingualism*. However, it is precisely a monolingual perspective which modern linguistic theory takes as its starting point in dealing with basic analytical problems such as the construction of grammars and the nature of competence. Chomsky (1965, p. 3), for instance, has defined the scope of reference for the study of language as follows: ‘Linguistic theory is concerned primarily with an ideal speaker-listener, in a completely homogeneous speech-community, who knows its language perfectly.’ This orientation to linguistic theory contrasts sharply with that of Jakobson (1953), who observed: ‘Bilingualism is for me the fundamental problem of linguistics.’”

Partindo do pressuposto de que o que efetivamente entra em contato são variedades linguísticas, segue que os <contatos linguísticos> fazem parte da vida diária de todas as comunidades, tanto no nível microlinguístico (na interação *face-to-face*), quanto na perspectiva macrolinguística, considerando tanto a mobilidade espacial de qualquer indivíduo (no espaço geográfico), quanto a participação em espaços midiáticos diversos (cf. AUER & SCHMIDT, 2010).

Para fazer jus às peculiaridades que caracterizam os contatos linguísticos do português na área por nós pesquisada e para, além disso, propiciar uma visão do conjunto de situações e condicionamentos presentes no cenário brasileiro, bem como

descrever os mecanismos que orientam o uso das diferentes línguas e variedades em contato, é pertinente que se distinga a seguinte tipologia de contatos linguísticos:

- 1) *português e línguas indígenas (autóctones)*;
- 2) *português e línguas afro-brasileiras*;
- 3) *português e línguas de imigração (alóctones)*;
- 4) *português como língua alóctone em contato com línguas oficiais* (p.ex. com guarani e espanhol, no Paraguai, e espanhol no Uruguai);
- 5) *português e línguas cooficiais em contato* (p.ex. a) *nheengatu, baniwa e tukano*, em São Gabriel da Cachoeira, AM; b) *guarani*, em Tacuru, MS; c) *Akwê Xerente*, em Tocantínia, TO; d) *pomerano*, em Santa Maria de Jetibá, Domingos Martins, Pancas, Laranja da Terra e Vila Pavão, ES, e em Canguçu, RS; e) *talian*, em Serafina Corrêa, RS; f) *Hunsrückisch*, em Antônio Carlos, SC; e g) *alemão*, em Pomerode, SC) - cf. Altenhofen & Morello (2013);
- 6) *contatos linguísticos de fronteira* (com os países vizinhos);
- 7) *contatos intervarietais do português (entre falantes de variedades regionais do português)*;
- 8) *contatos transnacionais do português “aquém- e além-mar”* (Portugal e demais países lusófonos, como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, além do próprio Brasil).

A consideração, por fim, da área da Bacia do (Rio da) Prata como um todo macroanalítico justifica-se, de modo especial, pelo fato de as migrações e contatos linguísticos não coincidirem com as fronteiras políticas, seja de países, seja de estados dentro de um país, e sim transcenderem a esses limites. Do mesmo modo, sua problemática não se resume apenas à existência de português e espanhol, como “línguas de colonização”, e sim inclui um leque amplo de línguas minoritárias alóctones e autóctones<sup>10</sup>, em contato.

Este aspecto – de um “plurilinguismo subjacente” – é especialmente relevante quando se leva em conta conceitos como “gaúcho” para designar determinado grupo de migrantes do sul para Misiones (Argentina) e Paraguai, de um lado, e áreas do centro-oeste (MT, MS) e norte brasileiro (PA, RO), de outro. Contrariamente à suposição do senso comum, de um “falante monolíngue em português nascido no Rio Grande do Sul”, o que encontramos em nossas pesquisas<sup>11</sup> são, na maioria das vezes, “migrantes bilíngues em português e alemão (teuto-gaúchos), ou p.ex. português e italiano (italo-gaúchos) que não necessariamente nasceram no Rio Grande do Sul, e sim no oeste de

---

<sup>10</sup> Pense-se no guarani no Brasil e no Paraguai e nas diferentes variedades que o constituem (como os Guarani Mbyá e os Avá Guarani [no Paraguai] ou Nandeva [no Brasil] – cf. Guarani Retã, 2008).

<sup>11</sup> E daqui, para áreas da Amazônia, como no sul do Pará. Tem-se, p.ex., o registro de comunidades de fala hunsriqueana que se fixaram em Tucumã (PA) e Novo Progresso (PA).



Santa Catarina ou sudoeste do Paraná, mas que têm origem étnica da família no extremo sul”.<sup>12</sup> (A designação de “gaúcho cansado” surge, no centro-oeste [Mato Grosso], justamente como reflexo dessas sucessivas migrações.)

São, contudo, conceitos dinâmicos que, em uma nova constelação de contatos linguísticos e migrações, agregam novas interpretações às quais o pesquisador precisa estar atento. Por exemplo, em nossas pesquisas do hunsriqueano de teuto-gaúchos no Paraguai, o conceito de “brasiguai” oscila, ao que indicam os comentários dos informantes, entre uma designação generalizante “que se ouve de fora”, para “os brasileiros migrados ao Paraguai”, e uma especialização de sentido para “filhos de brasileiros já nascidos no Paraguai e que, via de regra, já se consideram/são paraguaios [de origem brasileira]”.<sup>13</sup> Neste último caso, a geração mais velha dos migrantes brasileiros que foram ao Paraguai, constitui, como constatamos no ponto PY04 (Paso Tuyá [al. Moseldorf]) do ALMA-H, o grupo denominado de “brasileiros [hrs. *Bresilioner*]”, em parte porque, inclusive, ainda dispõem dos documentos brasileiros.

A partir do exposto, fica evidente que uma recomendação inicial para qualquer estudo dessa natureza que aborde contextos multilíngues com populações migrantes em contato deve, antes de tudo, identificar com clareza 1) os diversos grupos presentes na localidade e no seu entorno (= espaço de análise), bem como 2) as territorialidades de cada grupo no espaço geográfico e social. Por *territorialidade* entendo, de acordo com artigo anterior com mais detalhes (ALTENHOFEN, 2013b [no prelo]), o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística. O *território* é, por sua vez, a base físico-geográfica, a área onde se constituem territorialidades distintas. Consequentemente, *territorialização* refere-se à ação de ocupar territórios e definir aí territorialidades, em diferentes níveis, desde o situacional até o areal.

### **3. Pesquisas da “matriz de partida” e sua contribuição para o estudo de populações migrantes nas “áreas novas”**

---

<sup>12</sup> Incluo, aqui, a Tese de Doutorado, em andamento, de Carla Figueiredo, sobre o contato intervarietal do português desses subgrupos gaúchos com outras variedades do português, em áreas do norte do Mato Grosso que, equivocadamente, não foram incluídas pelo ALiB, na rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil, por constituírem localidades de criação recente situadas, além disso, na área designada por Antenor nascentes como Território Incaracterístico.

<sup>13</sup> Ver também Thun (2004).

Ao mesmo tempo que oferece uma gama incontável de situações e línguas, a área na qual concentramos nossas pesquisas – o construto macroanalítico da Bacia do Prata – talvez também seja uma das mais bem servidas de pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas, apesar de todas as lacunas e tarefas que ainda subsistem. O estado da pesquisa reflete a evolução da própria pesquisa linguística no Brasil. De uma “pré-história” em que sobretudo sociólogos e antropólogos, como E. Willems (1940) e E. Schaden (1942), se ocupam de temas de minorias, em um período em que as tensões políticas e ideológicas em torno desses temas era especialmente acirrada (o período do Estado Novo), passou-se aos primeiros levantamentos sistemáticos, iniciados com Bunse (1958, 1960, e toda a sua obra posterior, p.ex. 1978). No meio dessa evolução, chama atenção que a realização do I Congresso Brasileiro de Dialetologia, em 1958, tenha ocorrido em Porto Alegre, e que de lá surgisse a recomendação de elaborar inicialmente “atlas linguísticos regionais“, antes de se lançar à elaboração de um “atlas linguístico do Brasil“, para a qual se julgava ainda não haver as condições, dadas as dimensões do território. Mesmo Bunse, que deveria realizar o Atlas Linguístico do Rio Grande do Sul, apenas fez “primeiras sondagens“, publicadas em Bunse & Klassmann (1969). Foram M. Klassmann e sobretudo W. Koch, docente e pesquisador da área de língua alemã (cf. KOCH, 1974a, 1974b), que levaram esse empreendimento adiante, estendendo com O. Furlan e J.L. Mercer essa área para os três estados sulinos (RS, SC, PR), por meio da realização do ALERS (*Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*), o qual iniciou o projeto em 1983 e concluiu os levantamentos entre 1987-1990, motivado porém por outro projeto similar, o VARSUL (*Variação Linguística Urbana no Sul do País*), iniciado um ano antes, em 1982. Ambos os projetos, que formam a base dos estudos de variação linguística do português no sul do Brasil, se ocuparam com a variação linguística do português nos três estados do sul, o primeiro com o português rural, e o segundo com o português urbano.<sup>14</sup> De um modo ou de outro, forçados pela presença de multilinguismo/plurilinguismo na região, ambos os projetos também incluíram, em sua pauta de pesquisa, a variável <bilinguismo>. O ALERS, por exemplo, apesar de se constituir em atlas linguístico monodimensional, possui em sua rede de informantes de 275 localidades três tipos de informantes que é preciso considerar na

---

<sup>14</sup> Para uma visão geral da tradição de pesquisa dialetológica no sul do Brasil, ver Altenhofen (2011).

análise e interpretação dos mapas e das subáreas linguísticas apontadas em Altenhofen (2008, mapa 07, em anexo):

<b>Tipo de ponto de inquérito conforme o bilingüismo</b>	<b>PR</b>	<b>%</b>	<b>SC</b>	<b>%</b>	<b>RS</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
Ponto bilíngüe com informante bilíngüe	15	15	44	55	25	26,32	<b>84 (30,55%)</b>
Ponto bilíngüe com informante monolíngüe	62	62	24	30	37	38,95	<b>123 (44,73%)</b>
Ponto monolíngüe com informante monolíngüe	23	23	12	15	33	34,74	<b>68 (24,73%)</b>
<b>Total de pontos</b>	<b>100</b>		<b>80</b>		<b>95</b>		<b>275 (100%)</b>

Tab. 1 - Distribuição dos pontos de inquérito do ALERS de acordo com a variável <bilingüismo dos informantes>. Cf. ALERS (2011b, p. 28).

Apesar das limitações e delimitações naturais para o momento em que surgiram, os estudos derivados desses projetos (cf. ALERS, 2011a; 2011b; ALTENHOFEN 2008; KOCH, 2000) constituem uma base de comparação diacrônica e topodinâmica (THUN, 1996) fundamental para estudos subsequentes de populações emigradas dessas áreas. Além disso, esses estudos impulsionaram a pesquisa dos contatos linguísticos de fronteira (cf. KOCH, 1995) e o mapeamento do bilingüismo através do projeto BIRS (Bilingüismo no Rio Grande do Sul – cf. KOCH & ALTENHOFEN, 1986). No fluxo dessa intensa atividade de pesquisa, também cabe mencionar a realização dos “Encontros de Estudos do Bilingüismo e Variação Linguística”, realizados alternadamente entre ambos os grupos – ALERS e VARSUL –, nas três universidades – UFRGS (1982), UFSC (1983), UFPR (1984), UFRGS (1985), UFSC (1986), UFPR (1987). O próprio projeto ALMA-H pode ser visto como uma consequência dessa trajetória.

O quadro da pesquisa da variação e do plurilingüismo na área do sul do Brasil, que poderíamos chamar de “matriz de partida“ de migrantes para as áreas novas do centro-oeste brasileiro e países limítrofes do Paraguai e Argentina (Misiones), e à qual também podemos incluir a área bilíngüe em espanhol e português do norte do Uruguai, tem de ser levado em conta para responder a questões centrais sobre a mudança das línguas e variedades dos migrantes e descendentes, nessas áreas novas, considerando a)

o tempo transcorrido (eixo macrocronológico, segundo THUN, 2009; 2010a), b) o contato com outras variedades do português e de outras línguas (dimensão diacontatual e dialingual [fala de bilíngues e monolíngues]) e c) as territorialidades de cada língua no novo meio, em termos da coesão e homogeneidade *versus* heterogeneidade dos diferentes grupos em contato. Em áreas do norte mato-grossense, isso equivale p.ex. ao contato entre teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos, de um lado, e nortistas, paulistas e norte-paranaenses, de outro).

Temos, em nossas pesquisas, observado algumas variáveis que indicam uma mudança da variedade da matriz de origem para a área nova. Por exemplo, a substituição do pronome *tu* por *você* na fala de migrantes gaúchos, de modo geral, ou outro exemplo: a ocorrência de /r/ retroflexo na fala de hunsriqueanos, sinalizam tendências muito interessantes do comportamento linguístico de (teuto)-gaúchos em contato nessas áreas. É preciso, no entanto, comparar essas transferências de marcas distintivas *nas duas direções*, neste caso não apenas, digamos, das variedades não-gaúchas para as gaúchas, mas também no sentido inverso. Essa interinfluência pode ocorrer, em grau maior ou menor, nas duas direções.

Para ilustrar essa relação, que faz parte da dimensão dialingual (comparar/levantar as variedades dos diferentes grupos em contato), variáveis lexicais podem indicar, além disso, uma interinfluência cultural, como sugere o conhecimento passivo ou mesmo com uso ativo da variante sulista *chimia* (variante derivada do hrs. Schmier, para designar a <pasta de frutas para passar no pão> – cf. mapa 357, do ALERS, 2011b) na fala de migrantes de origem paulista. Em termos metodológicos, o pesquisador deveria, portanto, procurar levantar dados de ambos os grupos em contato, para deste modo definir melhor quem influencia quem (direção da influência) e em que medida (grau de influência).

No que se refere à constituição de territorialidades pelos diferentes grupos de fala migrantes, chama atenção, por exemplo, que em algumas localidades como Porto dos Gaúchos (ponto MT01, do ALMA-H), os pioneiros – teuto-gaúchos da região das Missões do Rio Grande do Sul (de localidades como Cerro Largo e Santo Cristo, pontos RS21 e RS22 do ALMA-H) – tenham, ao final, se concentrado na área central do núcleo urbano. É natural, segundo Kloss (1966), que os migrantes pioneiros ocupem as posições centrais de poder, favorecidos pelo fato de que chegaram primeiro e puderam

“escolher“. No caso do norte mato-grossense, porém, as dificuldades na qualidade da terra levaram muitos dos pioneiros, que permaneceram na localidade, a abandonar a atividade agrária para se dedicar ao comércio e às funções público-administrativas, que se localizam justamente no centro.

Por outro lado, cabe distinguir, nessa relação, dois tipos adicionais de migrantes que merecem uma atenção da pesquisa. De um lado, os migrantes pioneiros que retornaram ao sul poderíamos chamar de *retromigrantes* (tradução minha do termo do alemão *Rückwanderer* ‘(i)migrante que retorna à matriz de origem’). Do mesmo modo, é relevante perguntar como as sucessivas levas de migrantes que vão chegar em anos subsequentes (que poderíamos chamar de *remigrantes*, correlato meu para o termo do alemão *Zuwanderer*) se articulam, conectam e organizam no novo meio. Nossas pesquisas anteriores com os hunsriqueanos acentuam o papel das relações de parentesco e da semelhança étnico-linguística para explicar a incorporação de remigrantes aos seus “semelhantes”. Ou seja, remigrantes vão privilegiar territorialidades “onde se sentem em casa“ e “onde podem se entender e superar com mais facilidade as adversidades de um ambiente ainda hostil e desconhecido“. Não raro se fazem sondagens à distância (via correspondência) ou *in praesentia*, em que um representante ou grupo vai à frente, para preparar e abrir o caminho.<sup>15</sup>

Por fim, o quadro da pesquisa e a compreensão da relação das migrações entre a matriz de partida e as áreas novas sugerem algumas recomendações relevantes para o pesquisador. Antes de tudo, a base de dados de pesquisas realizadas na matriz de partida, sul do Brasil, é fundamental para verificar mudanças linguísticas nas variedades e no repertório linguístico das populações migrantes, considerando a) tempo transcorrido, b) contatos linguísticos com outras variedades no novo meio e c) territorialidades que conservam/protegem ou substituem/inibem marcas da variedade de origem. Em termos metodológicos, isso implica perguntar sempre, ao início da pesquisa:

a) Quando migraram? (mudança no eixo macrocronológico)

---

<sup>15</sup> Esta possibilidade inexistia para os e/imigrantes do séc. XIX. Para estes, emigrar era uma despedida para a qual dificilmente havia retorno. Contudo, a possibilidade de correspondência à distância foi consideravelmente utilizada, como mostra o acervo de mais de 400 cartas de imigrantes alemães (hunsriqueanos sobretudo) e seus descendentes no Brasil que Joachim STEFFEN (ver seu artigo neste volume) reuniu no âmbito do projeto ALMA-Histórico.

b) De onde e por onde? De qual subárea linguística provém? (matriz de partida e trajetória da migração)

c) Para onde vieram? (constituição ou inserção em determinadas territorialidades)

Outras dimensões e procedimentos metodológicos, como mostrarei a seguir, vão ainda complementar essas questões de ordem mais macrolinguística e topodinâmica (correlação entre um ponto e outro da migração).

#### 4. Considerações finais

Diante do que expus acima, sobre o contexto de análise e sobre a complexidade do contexto pesquisado, considerando o <multilinguismo> e <plurilinguismo> presentes, bem como as <migrações> e <contatos linguísticos> observados, colocam-se em resumo as seguintes perguntas centrais, para o pesquisador:

1º) Como abordar a complexidade da “variação linguística em situações de migração” (questões teórico-metodológicas)?

2º) Quais os processos migratórios mais relevantes observados no contexto macrolinguístico brasileiro (questões empíricas determinadas pelo *corpus* da pesquisa)?

3º) O que caracteriza o comportamento linguístico de populações migrantes, considerando a difusão, territorialização e reconfiguração de “modos de falar” em contato e em movimento numa determinada espacialidade e temporalidade (questão da variação e mudança linguística – de ordem topodinâmica, segundo THUN, 1996)?

a) De que modo, as variedades migrantes se transferem para o novo meio? Por quais canais? Como são os fluxos migratórios?

b) Que vínculos os grupos migratórios mantêm com a matriz de origem?

c) Como se reestruturam para atender às necessidades do novo meio?

d) Como constituem suas territorialidades? Como se organizam social- e espacialmente? Em outras palavras, “por que e como uma variante ou variedade linguística ocupa determinada territorialidade onde a ocupa?”

e) Como se constitui uma variedade linguística no contato com a diversidade de ‘modos de falar’ do novo meio para onde migram essas populações?

f) Que mudanças se observam em relação à matriz de origem?

Para os objetivos de uma macroanálise sociolinguística que dê conta das variáveis que apontamos como especialmente marcantes para a área pesquisada, delimitada pelo construto macroanalítico da Bacia do (Rio da) Prata, a geolinguística pluridimensional e contatual (segundo THUN, 1998), nos têm fornecido as ferramentas mais adequadas. O princípio da pluridimensionalidade permite organizar, assim, o “aparente caos”. O que também fica claro é que a abordagem de migrações – como também de línguas minoritárias, de modo geral – necessariamente implica a consideração de contatos linguísticos, obrigando o deslocamento do foco de análise de uma perspectiva monolíngue (centrada em uma única língua e variedade) para uma perspectiva multilíngue e multivarietal (que abarque os contatos linguísticos de línguas e variedades distintas), porque estes constituem a situação mais comum *de facto* encontrada na realidade, como pudemos ver no exemplo da Bacia do Prata. “A dimensão diatópica constitui [para tanto] um forte trunfo nas mãos da dialetologia areal” (THUN, 2005, p. 113).<sup>16</sup>

## Referências

ADDU = THUN, Harald (Dir.). *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte (ADDU-Norte)*. Parte cartográfica: Tomo I: Consonantismo y vocalismo del español. Fasc. A.1.: Lateral palatal (/ʎ/, <ll> y Fricativa Mediopalatal (/j/, <y>): Lleísmo, yeísmo, zeísmo y cheísmo en el español uruguayo). Kiel: Westensee-Verl., 2000a.

ADDU = THUN, Harald (Dir.). *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte (ADDU-Norte)*. Parte cartográfica: Tomo I: Consonantismo y vocalismo del portugués. Fasc. I.A. 1/1: Laterales y palatales (A. 1/1: Palatalización de las oclusivas apicodentales (/t/ + [i], /d/ + [i]); A.1/2. Yeísmo y leísmo). Kiel, Westensee-Verl., 2000b.

---

<sup>16</sup> “Die diatopische Dimension ist dabei ein starker Trumpf in der Hand der Arealdialektologie“ (THUN, 2005, p. 113).

ALGR = THUN, Harald; JACQUET, María da Gloria Pereira; HARDER, Andreas; MACHUCA, Martín Ramírez; PEEMÖLLER, Johanne. *Atlas lingüístico Guaraní-Románico: Sociología*. Mapas. Kiel: Westensee-Verl., 2002.

ALGR = THUN, Harald; AQUINO, Almidio; DIETRICH, Wolf; SYMEONIDIS, Haralambos. *Atlas lingüístico Guaraní-Románico*. Tomo I: Léxico del cuerpo humano. Kiel: Westensee, 2009.

ALERS: Cartas fonéticas e morfossintáticas = KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo V. & KLASSMANN, Mário (Orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Introdução, Cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011a.

ALERS: Cartas semântico-lexicais = ALTENHOFEN, Cléo V. & KLASSMANN, Mário (Orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011b.

ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (Orgs.). *Español y portugués: fronteras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

ALTENHOFEN, Cléo V. Os estudos de variação lingüística e de línguas em contato com o português: raízes históricas da pesquisa no Instituto de Letras da UFRGS. In: MITTMANN, Solange & SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira (Orgs.). *Trilhas de investigação: a pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva*. Porto Alegre: Instituto de Letras / UFRGS, 2011. p. 17-31.

ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política lingüística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. (Orgs.). *Política e políticas lingüísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013a. p. 93-116.

ALTENHOFEN, Cléo V. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa N. Brochi; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & URUGUAY, C. Gonzales (Orgs.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora UFPel, 2013b. [No Prelo]

ALTENHOFEN, Cléo V. & BROCH, Ingrid K. Fundamentos para uma “pedagogia do plurilinguismo” baseada no modelo de conscientização lingüística (language awareness). In: BEHARES, Luis (Org.). *V Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Lingüísticas*. Montevideo: Universidad de la República e Asociación de Universidades Grupo Montevideo / Núcleo Educación para la Integración, 2011. p. 15-22.

ALTENHOFEN, Cléo V. & MORELLO, Rosângela. *Rumos e perspectivas das políticas lingüísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário*



*de línguas*. In: Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas (6. : 2013 nov. 23-25: Porto Alegre, RS) Nalú FARENZENA (Org.). Porro Alegre: UFRGS, 2013. p. 19-26.

AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (Eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010.

BELLMANN, Günter. Arealität und Sozialität? Avec un résumé en français. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [Hrsg.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. (Heidelberg/Mainz, 21.-24.10.1991.) Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 50-77.

BELLMANN, Günter. *Einführung in den Mittelrheinischen Sprachatlas (MRhSA)*. Tübingen, Niemeyer, 1994.

BELLMANN, Günter. Zweidimensionale Dialektologie. In: BELLMANN, Günter (Hrsg.). *Beiträge zur Dialektologie am Mittelrhein*. Stuttgart : Steiner, 1986. p. 1-55.

BUNSE, Heinrich. *Notas lingüístico-etnográficas sôbre a pesca em algumas praias do Brasil-Sul*. In: Separata da Revista Veritas. Porto Alegre, p. 1-23, 1958.

BUNSE, Heinrich A. W. *Notas lingüístico-etnográficas sôbre a erva-mate no Rio Grande do Sul. Sua cultura, colheita e elaboração*. In: Organon, Porto Alegre, n. 4, p. 59-75, 1960.

BUNSE, Heinrich A. W. *O vinhateiro; estudo etnográfico-lingüístico sobre o colono italiano no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; IEL, 1978.

BUNSE, Heinrich & KLASSMANN, Mário S. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul (problemas, métodos, resultados)*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia, UFRGS, 1969.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

FERREIRA, Carlota: Remanescentes de um falar crioulo brasileiro (Helvécia-Bahia). In: *DIVERSIDADE do português do Brasil*. Estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. rev. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. [1984-85] p. 21-32.

Guarani Retã 2008. *Povos Guarani na fronteira Argentina, Brasil e Paraguai*. Vários autores. 2008.

GUY, Gregory R. *Rumos da sociodialetoлогия da América Latina*. In: Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística (2. : 2012 : Belém, PA). *Diversidade linguística e políticas de ensino: anais*. Coord. Abdelhak Razky, Marilúcia Barros de Oliveira, Alcides Fernandes de Lima. São Luís: EDUFMA, 2012. p. 44-60.

KLOSS, Heinz. German-american language maintenance efforts. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.). *Language loyalty in the United States*. The Hague: Mouton, 1966. p. 206-252.

KOCH, Walter. *Falares alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, 1974a.

KOCH, Walter. Gegenwärtiger Stand der deutschen Sprache im brasilianischen Gliedstaat Rio Grande do Sul. In: ENGEL, Ulrich & VOGEL, Irmgard (Hrsg.). *Deutsch in der Begegnung mit anderen Sprachen. Beiträge zur Soziologie der Sprachen*. Bearb. v. Heinz KLOSS. Mannheim: Institut für deutsche Sprache; Tübingen : Narr, 1974b. p. 79-117.

KOCH, Walter. Contribuição do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul ao estudo da fronteira lingüística entre o Brasil e o Uruguai. In: *PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO NAS FRONTEIRAS: TEMAS PARA O MERCOSUL*. Porto Alegre : Ed. da Universidade/UFRGS; Instituto Goethe/ICBA, 1995. p. 192-206.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas lingüísticas. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine & SCHÖNBERGER, Axel (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M. : TFM, 2000. p. 55-69.

KOCH, Walter & ALTENHOFEN, Cléo-Vilson. *Projeto de mapeamento do bilingüismo no Rio Grande do Sul*. In: Encontro de Estudos do Bilingüismo e Variação Lingüística da Região Sul (5. : 1986 : Florianópolis). *Anais...* Florianópolis : UFSC, 1986. p. 211-221.

MRHSA = BELLMANN, Günter; HERRGEN, Joachim & SCHMIDT, Jürgen Erich. *Mittelrheinischer Sprachatlas (MRhSA)*. Unter Mitarb. von Georg DRENDA. Tübingen: Niemeyer, 1994 (Bd. 1), 1995 (Bd. 2), 1997 (Bd. 3), 1999 (Bd. 4), 2002 (Bd. 5).

OLIVEIRA, Gilvan Müller de & ALTENHOFEN, Cléo V. O *in vitro* e o *in vivo* na política da diversidade lingüística do Brasil: inserção e exclusão do plurilingüismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs.). *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 187-216.

RADTKE, Edgar & THUN, Harald. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 1-24.

RAZKY, Abdelhak (Org.). *Estudos geo-sociolingüísticos no Estado do Pará*. Belém: s/ed., 2003.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995. [1989]

SCHADEN, Egon. *Aculturação lingüística numa comunidade rural*. In: Revista de Sociologia, São Paulo, n. 4(3), p. 268-285, 1942.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *Para uma história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens*. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

THUN, Harald. *La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21. 1995: Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [Orgs.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

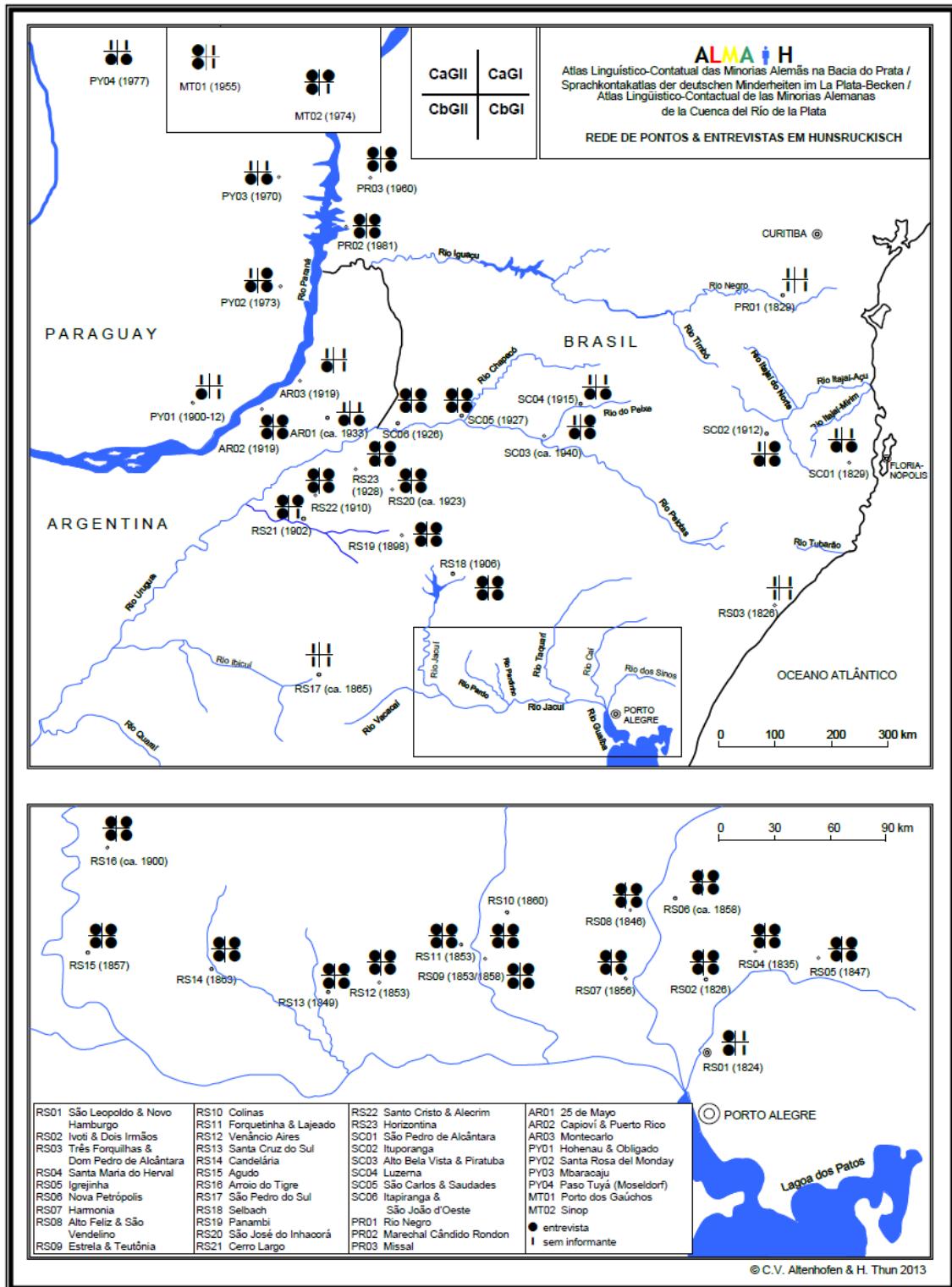
THUN, Harald. O comportamento lingüístico dos brasiguaios no Paraguai visto a partir do material do Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR). In: DIETRICH, Wolf / NOLL, Volker (Org.). *O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual*. Madri / Frankfurt a.M.: Iberoamericana; Vervuert, 2004. p. 169-191.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). *Language mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010a. p. 506-523.

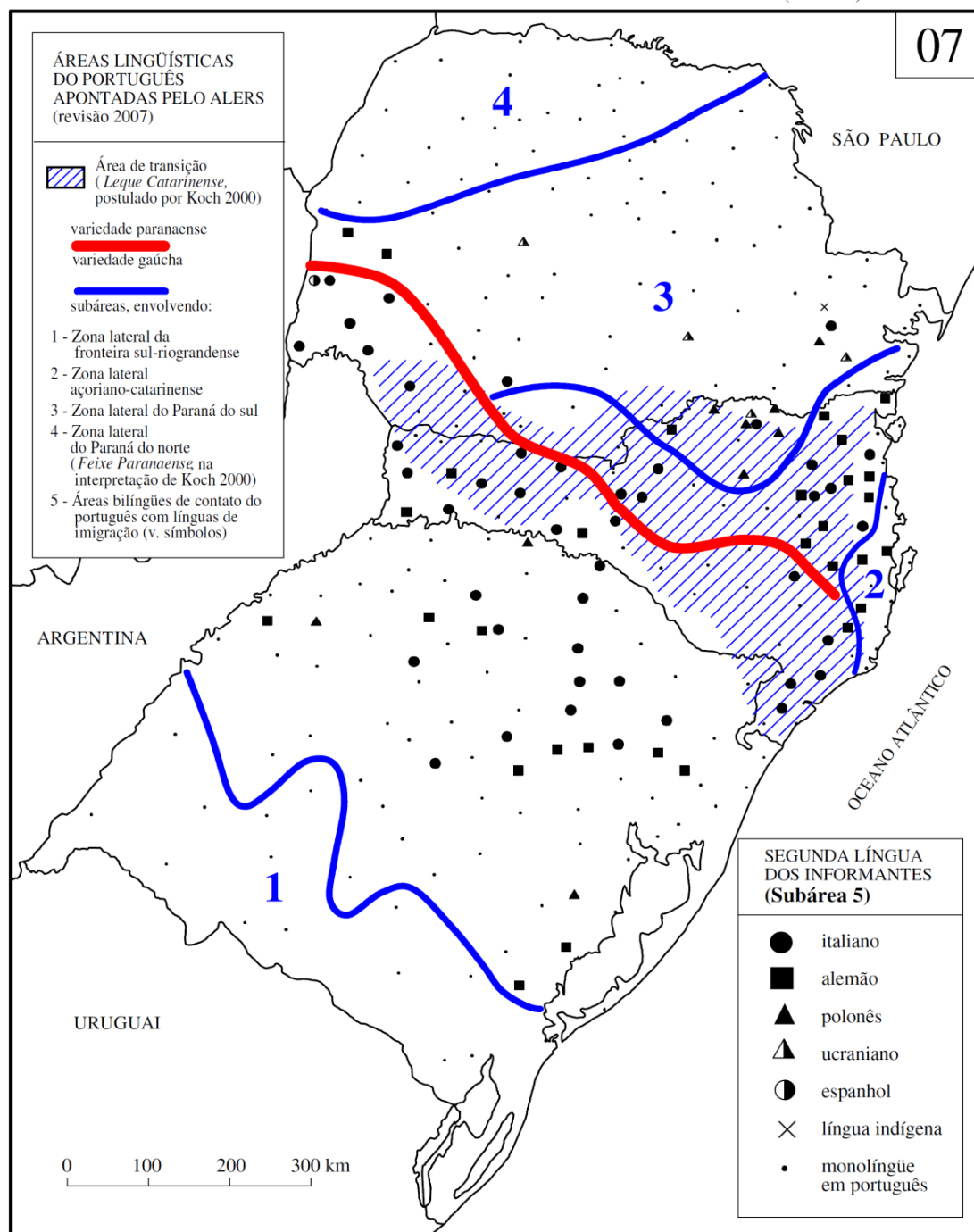
THUN, Harald. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Erich (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010b. p. 706-723.

WANDRUSKA, Mario. *Die muttersprachliche Mehrsprachigkeit*. In: Beiträge zu den Fortbildungskursen 1977/78 des Goethe-Instituts für ausländische Deutschlehrer an Schulen und Hochschulen, Sondernummer zum Thema “Übersetzen”, München, p. 77-96, 1980.

WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1940.



Mapa 1 – Mapa da rede de 41 pontos do ALMA-H, com um total de 127 entrevistas



MAPA 07 - Áreas lingüísticas do português apontadas pelos dados do ALERS

Mapa 2 – Áreas lingüísticas da região sul do Brasil apontadas pelos dados do ALERS, segundo Altenhofen (2008).

# MIGRATIONEN UND SPRACHKONTAKTE IN DER PERSPEKTIVE DER PLURIDIMENSIONALEN SPRACHKONTAKT GEOGRAPHIE

## ZUSAMMENFASSUNG

Der vorliegende Beitrag befasst sich mit der Rolle der <Migrationen> und der <Sprachkontakte> in der Untersuchung der Sprachvariation. Diese Variablen charakterisieren in besonderer Weise das mehrsprachige Gebiet des Río de La Plata, worauf sich der Autor größtenteils konzentriert. Ziel ist es, unter Berücksichtigung der theoretischen Grundlagen der pluridimensionalen und Sprachkontaktgeographie, und ausgegangen von den Untersuchungen für das Großraumprojekt ALMA-H (*Sprachkontaktatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch*), eine einführende Basis zur Makroanalyse dieser Variablen für die Untersuchung der Variation, Diffusion und Rekonfiguration von Minderheiten-Varietäten im pluridimensionalen Raum zu setzen. Es wird damit gezeigt, dass für die Analyse der Sprachvariation unerlässlich ist, den Blick auf den Multilingualismus und Plurilingualismus zu erweitern und insofern Migrationsprozesse und Sprachkontakte mit einzuschließen. Die Grundlagen der pluridimensionalen Makroanalyse können hierzu einen wesentlichen Beitrag leisten.

**Schlüsselwörter:** migration, sprachkontakt, mehrsprachigkeit, pluridimensionale geolinguistik.

Recebido em 05/12/2013.

Aprovado em 06/12/2013.